

andré boniatti

POÉTICAS
(obras teatrais)

1º Edi o, do autor

2013

POÉTICAS

A ESPERANÇA QUE NÃO VEM	11
O PARAÍSO PERDIDO	27
AS TENTAÇÕES DO DESERTO	45
APÊNDICE: MANUAL DE ATUAÇÃO DE PALCO - PARA ATORES E NÃO-ATORES	67

antes de os ler:

os textos sofrem indicações do dramaturgo descartáveis, indicações de música e rubrica, muitas vezes, vastas demais, — vêm do trabalho e da experiência em palco do mesmo; contanto aqui os textos permanecerão na íntegra, não sofrendo retalhações.

A aquisição desta obra escrita não representa sua liberação para encená-la, teatralizá-la, fragmentá-la ou usá-la de qualquer forma em palco, como montagem de qualquer espécie, performance ou outros, não sendo permitido o seu uso ainda em meios midiáticos, vídeos ou filmagens diversas, como cinematográficas, ou como meio de divulgação ou promoção; sendo vedado assim qualquer uso externo à leitura da mesma, a não ser mediante devida autorização do autor. Qualquer infração nesse sentido será julgada e penalizada conforme as Leis e os Direitos que a protegem.

Para quaisquer assuntos nesse sentido, fale diretamente com o autor em zeforis@hotmail.com.

A ESPERANÇA QUE NÃO VEM

personagens:

CLARA

ÉVORA

MOÇA

A ESPERANÇA QUE NÃO VEM

por André Boniatti

Clara está sentada e lê “A Galinha” de Ferreira Gullar. Alguém bate na porta, outra menina a traz com a mão.

MOÇA: Quem é você?

CLARA: Clara. Quê que está fazendo aqui?

MOÇA: Estou procurando Esperança.

CLARA: Ela não mora aqui.

MOÇA: Não disse que ela morava.

CLARA: Não te convidei a sentar!

MOÇA: Você sabe onde ela mora?

CLARA: Não tenho o mínimo interesse.

MOÇA: Então vou ficar aqui sentada.

CLARA: Pra quê?

MOÇA: Vou esperar.

CLARA: Na minha casa?

MOÇA: Junto contigo.

CLARA: Ela não vem. Há anos eu não a vejo, ela não vem.

MOÇA: Mas eu vou esperar.

CLARA: Por que comigo?

MOÇA: Porque estou sozinha.

CLARA: Mas eu não tenho tempo!

MOÇA: Nem eu.

CLARA: Então?!

MOÇA: Se a gente não acha tempo, a gente não a encontra, nunca. Por isso eu vou esperar, com tempo ou sem tempo, contigo.

CLARA: Mas então espere em outro lugar, pois eu não tenho saco pra esperar nada. Quem te disse que Esperança vem, logo aqui, na minha casa? Ela não visita gente como eu.

MOÇA: Mas você a conhece?

CLARA: Eu nasci na cidade, desde criança eu não vi muitas flores. Meu pai não dava flores à minha mãe, nem minha mãe retribuía com beijos. E eu cresci com poucas flores e com poucos beijos. A Esperança é bonita, é mais faceira, é mais feliz. Jamais seria minha amiga nem ia

querer brincar comigo, nem ia querer me visitar. Ela não virá.

MOÇA: Mas eu sim. Você se incomoda?

CLARA: Se não for reclamar. Porque a Évora...

Évora bate ela à porta agora e a Moça atende. Traz Évora para dentro e então Évora a convida a entrar.

ÉVORA: Entre, moça, seja bem vinda! — Por que escutei meu nome de novo? Dizem tanto meu nome que eu chego estar surda de ouvir meu nome! Por que não falam o nome dela! O dela nunca eu vi falar!

CLARA: Como é seu nome, moça?

MOÇA: Moça.

ÉVORA: Moça?

MOÇA: Onde eu nasci não se dava nome à gente.

CLARA: E como sabiam quem era quem?

MOÇA: Pela cara. Nossa cara era sempre limpa, era nua.

ÉVORA: O meu nome é Évora.

MOÇA: Eu sei. Quer esperar?

CLARA: Já disse que eu não vou ficar aqui esperando.

MOÇA: A Évora fica.

CLARA: Não. Quem tem que ficar sou eu. A Évora não manda nada aqui!

MOÇA: Então fica, Clara!

CLARA: Tenho mais o que fazer.

ÉVORA: Mas eu fico, Moça.

CLARA: Não, Évora, vá pro seu quarto!

ÉVORA: Eu não tenho quarto!

CLARA: Então fique aqui, quieta!

ÉVORA: Mas disse que não era pra eu ficar!

CLARA: Você que disse!

ÉVORA: Eu não disse nada.

Silêncio. Estáticos. Lê-se a primeira parte de “O Mar Intacto”, “P.M.S.L.”, (até “finge?”), de Gullar.

MOÇA: Vamos esperar juntas?

CLARA: Eu lembro quando um dia eu conheci o Márcio. Ele me deu flores da primeira vez. Ele era bonito.

ÉVORA: Você nunca me contou, Clara.

CLARA: Eu era muda naquela época.

MOÇA: E hoje você pode falar?

CLARA: Só quando eu me tornei mulher.

MOÇA: Você quer dizer “moça”?

CLARA: Não, eu já envelheci. Hoje em dia a gente envelhece mais cedo. Olha pra Évora, já tem pés de galinha e não tem nem oito anos.

MOÇA: Então deixa Évora esperar, se você desistiu.

CLARA: Não desisti. Eu nunca esperei.

MOÇA: Mas vi seus olhos quando falava das flores.

ÉVORA: Do Márcio.

MOÇA: Eles ficaram bonitos. Jovens.

CLARA: Foi impressão das duas.

MOÇA: Minha avó também tem pés de galinha, e ela sorri. Sorri bonito como quando tem sol e céu azul de tarde, e a gente deita na grama pra olhar os passarinhos.

ÉVORA: Você já fez isso?! Como é olhar os passarinhos!?

MOÇA: Eles cantam, mais bonito que todos os cantores.

ÉVORA: E como é o canto deles?

MOÇA: Eles estão por aí, é só ouvir.

ÉVORA (*para Clara*): Por que nunca me levou ouvir os passarinhos?

CLARA (*para Moça*): Évora é surda.

ÉVORA: Você que me fez ser surda!

CLARA: De tanto que você fala!

ÉVORA: Por que você não me deixou ouvir?

CLARA: Mentira! Eu fiz compressas, aquecia seu ouvido quando era um bebê, eu cantava acalantos. (*Canta*). Você é que me chamava de bruxa!

MOÇA: Como sabia que existiam bruxas?

ÉVORA: Clara me contava de príncipes.

MOÇA: Então esperava.

CLARA: Eu nunca esperei!

MOÇA: Évora, e você?

ÉVORA: Eu também era cega. Como ia esperar?

MOÇA: A gente não precisa ver o que espera.

ÉVORA: Mas quem vocês esperam?

CLARA: Ela espera Esperança. E acha que vem aqui em casa.
Acha? Ela não vem. Eu nem conheço *ela*!

MOÇA: Mas você também não me esperava.

CLARA: Pois é, não sei também por que veio.

ÉVORA: Mas quem é Esperança?

CLARA (*para si*): São só as flores.

MOÇA: Você não conhece?

ÉVORA: Não. Você já a viu? Como ela é?

MOÇA: Chora às vezes, mas não é de tristeza, é de falta às vezes, e às vezes as coisas são doidas.

ÉVORA: Mas como é seu rosto?

MOÇA: Que parte?

ÉVORA: Os seus olhos?

MOÇA: Ah. Sorridentes.

ÉVORA: E os dentes?

MOÇA: Bem tortos. Mas brancos...

ÉVORA: E ela fala?

MOÇA: Não vi.

ÉVORA: Eu quero esperar. Eu querovê-la. Eu acho que vem vestida de branco com flores azuis e amarelas no seu colo, e vem debaixo de uma chuvinha leve se molhando no calor, e dançando bem de leve, como sobre as nuvens. Eu acho que vem.

CLARA: Já disse, vá pro seu quarto!

ÉVORA: Eu durmo no chão, mas quero esperar aqui!

CLARA: Évora!

ÉVORA: Eu vou esperar!

CLARA: Agora chega! Moça! A porta da rua!

MOÇA: Eu espero na calçada, mas quando ela chegar eu entro com ela.

ÉVORA: Moça, se você não ficar, ela nunca virá.

CLARA: Ela nunca veio mesmo; se acostuma, Évora!

MOÇA: O erro é se acostumar. As coisas só veem se a gente as espera. E se a gente as espera, a gente luta pravê-las.

Por exemplo, eu tive de andar pra chegar aqui, andei três dias e três noites, mas fiz porque queria encontrar.

CLARA: E por que na minha casa?

MOÇA: Porque estou sozinha. E vocês também estão. E se a gente estiver juntas, quem sabe a gente não esteja mais sozinha amanhã. E juntas a gente pode encontrar mais fácil.

CLARA: Disse que ia esperar.

MOÇA: À Esperança, a gente espera procurando. Porque quem espera não para. Jamais.

CLARA: Tá, Évora, pode esperar então. Mas não contem comigo!

ÉVORA: Conte sobre as flores...?

Silêncio. Estáticos. Lê-se a segunda parte do poema de Gullar já citado.

CLARA: Passaram.

MOÇA: Mas, conte-nos. A gente queria saber.

CLARA: As flores eram antigas. Era um campo enorme e cheio, e viçoso, e era mais bonito que todas as pinturas de flores do mundo. Era mais bonito e mais grande. A minha mãe me mandou colher pedras nas calçadas, eu ficava no semáforo e os carros me davam moedas. Mas

então eu fugi. Tinha um caminho todo azul que me dava medo, e era grande e distante, e era ignorante de tudo.

ÉVORA: Ficava onde?

CLARA: E tinha uma menina, lá no fundo. Ela veio correndo, correndo, correndo. Tinha fugido também, mas eu nunca mais a vi. A gente brincou por horas por entre as flores, mas eu nunca mais a vi. E ela era... você! Por isso que veio?

MOÇA: Voltei. Eu passei anos pra te encontrar, mas vim por causa da promessa.

CLARA: A promessa...

MOÇA: Que a gente ia ser feliz.

CLARA: E você foi?

MOÇA: Não sei, eu esperei. Até hoje.

CLARA: Mas nunca encontrou.

MOÇA: Eu te encontrei.

ÉVORA: Como fez?

MOÇA: Eu vim. As coisas são assim, sem mais nem menos. Basta à gente ir.

CLARA: Mas eu tinha esquecido.

MOÇA: Você tinha me dito que ia esperar. Foi tão linda aquela tarde.

CLARA: Mas depois não.

MOÇA: Mas agora... será que agora...?

CLARA: E se eu construísse um quarto?

ÉVORA: A gente podia dormir no chão.

CLARA: Juntas?

ÉVORA: A gente podia trabalhar.

CLARA: E você podia ter um nome.

ÉVORA: Maria.

MOÇA: Eu gosto.

CLARA: Vamos fazer um jardim. Um poleiro, com galinhas no fundo, e a gente vai ter ovos frescos, e a gente pode fazer uma horta.

MOÇA: E esperar.

ÉVORA: Daí a gente não vai cansar nunca, mãe. (*Para Clara*)
Mãe, a gente pode?

O PARAÍSO PERDIDO

(Do clássico poema épico de John Milton)

personagens:

SATÃ
MUSA
ANJOS QUEDOS
NUME-FILHO
ADÃO
EVA
CANTORES

O PARAÍSO PERDIDO

(Do clássico poema épico de John Milton)

Por André Boniatti

Satã em dores, sem forças e em sofrimento se encontra em posição central mais à frente próximo ao público, negras vestes que se espalham pelo chão. Ao canto esquerdo, uma mulher (Musa) de brancas vestes longas e largas, de véus... tais vestes suspendem-se do alto pedestal em que se assenta, negras olheiras profundas, porta uma harpa consigo. (As vestes as quais usa a Musa podem ser formadas de uma manta de longas pendências que no pedestal se mantém cobrindo um singelo vestido branco semitransparente). Ao fundo, obscurecidos, anjos quedos rastejam em promiscuidade, uns sobre outros, letárgicos e doridos, de roupas comuns do quotidiano. Gemidos de dor. A Musa entoa então, de onde está, um canto, o seguinte:

MUSA:

Ah, por que tão frágeis dobram,
Dentro em sonhos coroados,
Esses corpos transparentes
Sem destino em seu pecado?
Por que dormem das promessas
Revoltosos e infinitos
Esses corações rasgados
Que alam voos já sem tino?
Quantas flores rubras deitam
Quais ferida em rubras carnes,
São as dores que ardem vida,
Findo o todo em suas partes!

Ah, por que tão casta essência,
Dentro em sombras obumbrada,
Faz em morte a empírea estirpe
Em substância consagrada?
E nos Céus divisas forças
Do Estígio os rios de fogo
Abrem. Doem almas nuas
Noutro mundo em ser de dolo.

(Torna a face ao público encarando-o) Satã:...

ANJO QUEDO 1: Do Orco, os rios revoltos ardem, e os demônios, quedos anjos, ah Satã! os demônios choram lágrimas de fogo!

SATÃ: O Inferno é dentro.

MUSA: Satã:...

ANJO QUEDO 2: O Inferno é dores!

ANJO QUEDO 1: Rasga e corrói, corrosivo das almas!

ANJO QUEDO 3: São macilentos anjos que debruçam sobre espinhos de rosas amarelecidas, coroas de morte, são crisântemos e jasmins desprovidos dos odores!

SATÃ: O Inferno é dentro.

ANJO QUEDO 2: É manancial das águas sujas e das fétidas torrentes, o Inferno são os medos, os temores, a doença...

SATÃ: O Inferno é dentro.

ANJO QUEDO 2: É o fosso infindo onde tragados fomos...
estes que no Empíreo a espada ergueram pelo curso do
livre-arbítrio, da vontade e do poder.

ANJO QUEDO 4: O Inferno nós que somos e esses rios que
ardem fogo e cortam impassíveis a negridão da Noite
enferma. Ah, Satã! que à Noite enferma nosolveu!

MUSA: Satã:....

SATÃ: O Inferno é dentro. Vermes doridos que roem do
corpo as entradas, e a força esmorece. Dor! O Inferno é
dentro!

ANJO QUEDO 1: O Inferno é Morte!

ANJO QUEDO 4: Dor!

SATÃ: De pouco e de pouco... de pouco em mim eu morro e
a dor me dói...

MUSA: Satã: (*a Musa desce do pedestal onde se encontra*) A
quem um dia denominou-se Lúcifer dentre a empírea
estirpe, aquele que a luz portou no ser profundo,
luzindo entre os anjos dos maiores, senão no brilho o
maior de todos. Satã!

SATÃ: Ó Musa, que do Empíreo emana, tira deste ser a letargia, levanta do teu seio a soberba minha, faz que da minha queda uma outra luz me ascenda ao alto!

MUSA: Satã: Aquele que da Essência erige os males, aquele que as espadas levantou das legiões dos anjos-séquitos pela afronta ao divino eterno, que pela inveja do Filho daquele que tudo criou rebelou falanges e fez dos Céus lugar de guerras, de mortes e de vis sentimentos de orgulho maldito. Satã!

SATÃ: Que me cabe agora mais que ver fulgir o fogo? E doer... Que me cabe? Ajoelhar-me perante aquele que a nós nos jogou no Estígio doloroso? Não! Ó Musa, que dor doerá mais forte que a dor de querer e sempre nunca deixar de querer? Dá-me levantar do abatimento deste corpo e do intelecto que nele atua!

MUSA: O teu caminho, Satã, escolha tua é que é teu fim funesto, assim fizeste pela mão que ergueu a espada, e o teu querer foi que o quiseste tanto quanto a rosa quer o espinho! Dorme agora nas tuas Trevas, imagem mórbida! dorme dentro em pesadelos que a impureza dos teus sonhos traz-te a ti!

SATÃ: (*Se arrasta em direção da Musa tentando agarrar-lhe as pernas, enquanto ela se afasta*) Não! Não! Vem, Musa que do excelso emana, deita em meu colo a tua face, maldita, e olha o meu coração que arde em horrores!

MUSA: Te afasta! (À *platéia*) Satã: Qual a rosa exige o seu espinho, um ente antes divino então do fogo erige-se e o fogo almeja.

A Musa se põe sobre o seu pedestal e de lá entoa um canto lírico que não segue letra escrita: "Lá lá iá lá iá lá iá lá...", o mesmo modelo do canto pautado no início do texto. Satã retorce-se em dores enquanto canta a Musa. Após, por instantes se torna reflexivo e inerte, paira o silêncio. Se põe de joelhos, nádegas sobre os calcanhares.

SATÃ: (De voz pouco acentuada) Não abandona o rei a sua coroa nem o áureo cetro deixa das mãos pender! Não! Se cá no Orco, se nos infernos de entre as chamas e em desgraça a nós presume o Opressor excelso a perpetuidade, se assim nos burla o estado etéreo... De joelhos cairmos agora em desdita nossa e rendição?... Não! Um Reino ainda mais alto havemos de cumprir no Estígio imerso. (Levanta-se glorioso e mira primeiramente os seus anjos sequazes) Sim! Levante-se cada qual dos letárgicos enleios que sobre nós foram tramados, pois um novo Rei e um novo Reino a nós nos cumpre, porque mesmo que em desgraça, mesmo malditos e amaldiçoados, (para o público) no Inferno firmar com primazia o nosso Reino a nós fará mister em face de curvarmo-nos escravos perante um Céu que nos oprime!

Sonoplastia: "Nona Sinfonia": "Hino à Alegria", de Beethoven (de em torno dos 3 minutos e 10 segundos aos 4 minutos e 15 segundos, quando finda o movimento em questão). Enquanto Satã está glorioso, os anjos quedos se congratulam em

alegrias. Cessa a sonoplastia; e, ao fim, cai Satã por terra, quando entra o “Nume-Filho”, sempre de costas: ergue as mão e a cabeça aos céus, como se flutuasse no vácuo...

NUME-FILHO: Façam-se os Céus e a Terra!

MUSA (*de onde está*): E no princípio criou Deus os Céus e a Terra, e o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas. Havia Trevas!

NUME-FILHO: Haja a luz!

MUSA: E a luz se fez divisando a noite do dia. Foi o dia primeiro da criação.

NUME-FILHO: Que se firme o firmamento que divisará as águas das águas, as águas que deitam abaixo e as águas que deitam acima de um só firmamento a que se chamará de céu!

MUSA: E o firmamento pairou etéreo no espaço. Eis que é dado o dia segundo da criação.

NUME-FILHO: Forme-se o elemento seco e as águas que deitam sob o firmamento se unam em seu lugar estrito!

MUSA: E o elemento seco assim denominou-se terra e as águas em mares aglomeraram-se.

NUME-FILHO: Que a terra seja dotada das verdes ramagens e um jardim então cresça e se debruce em flores e em

frutos, e que haja a semente, a que nada deixará perecer!

MUSA: E assim que habitada foi a terra da relva, das ervas, das árvores, das flores e dos frutos, e assim que o verde derramou-se sobre a aridez primeva, demarcou-se da criação o dia terceiro.

NUME-FILHO: Haja, assim, no firmamento dos céus, luminares que alumiem a esfera, e astros e estrelas circundem as rondas do mundo!

MUSA: E assim criou Deus o luminar maior que tomaria conta do dia e o luminar menor que a luz refletiria na noite, e os astros todos se firmaram no firmamento. Assim se deu o dia quarto da criação.

NUME-FILHO: Que nas águas abundem entes viventes e nos céus voem as aves celestes, e que cresçam e se multipliquem para todo o sempre!

MUSA: E assim se formaram as aves que povoam os céus e os monstros marinhos e outros entes que vivem na profundidade dos mares. Eis que se fez o dia quinto da criação.

NUME-FILHO: Que a terra produza os seus filhos, os quais serão animais de todas as espécies, que habitarão as selvas e os desertos!

MUSA: Assim o Obreiro demarcou o sexto dia da criação.
Mas pela falta de um ente ainda não descansaria da
Obra a que se empenhara.

NUME-FILHO: Erga-se do pó da terra a suprema obra do
mundo!

MUSA: E ergueu-se o homem, à imagem e semelhança de
Deus, e do homem a mulher formou-se, e então lhes foi
entregue o paraíso para que habitassem e mandassem
sobre tudo o que nele existisse. E no sétimo dia então
não houve criação, mas foi dado o dia do descanso.

Satã levanta-se e se põe na mesma posição do “Nume-Filho”, às suas costas, assim voltado para o público.

SATÃ: Sim! Um novo Mundo! Um Mundo outro da criação
divina! Assim a profecia que rondava o Empíreo!...

ANJOS QUEDOS (*divisando a fala em partes*): Guerra! Guerra!
Eis o que a nós nos faz mister! Seja abertamente pelas
armas, seja a trama oculta que a guiará!

MUSA: Tal concórdia reinar entre os demônios que unidos
em seu mal congratulam-se em ideais... vergonha é para
a nossa estirpe humana, tão discorde, em violência e
morte!

SATÃ: Sim! Se a um novo mundo de servilismo construto
deu-se, me apraz à alma co'ele criar um nó estreito,
meu coração ligar-me nele, e o dele ele em mim ligar,

amigados pela desventura e pela dita da minha maldição!

Saem Satã e o “Nume-Filho” de lados opostos. Entram Adão e Eva juntos, de mãos dadas, nus, e em terra sentam-se. Mostram afetividade um para com o outro, amor e lascívia. Após um beijo, deita-se Adão com o corpo voltado ao lado esquerdo e Eva se mantém sentada com o corpo voltado ao lado direito. Satã retornando se aproxima rasteiro dela.

SATÃ: Come do fruto proibido!

EVA: És a serpente, quem fala comigo?

SATÃ: Come do fruto proibido!

EVA: O fruto que da Morte é amigo?!

SATÃ: Meus olhos agora podem venerar-te, Ó princesa do Éden! A um só homem não pertence a contemplação de tal virtude de belezas tantas, mas a cada criatura que habita o império universal. Delicia as paisagens todas que o teu ser circundam, envolve todas as coisas do teu ego, tu, Eva, mulher... O fruto comi eu, não da Morte é ele, mas da vida e enlevo altivo, pois que eu, feita serpente, agora possuo o porte de vislumbrar-te através dos olhos, que pela árvore das ciências o teu reconhecimento recebi. Come do fruto proibido! Morri eu? Come, que te elevarás ao sublime dos espíritos de luz que possuem os Céus. Come do fruto proibido! Quereria Deus que tal fruto se escondesse das vistas

dos senhores do Jardim? Não! Come, come do fruto proibido!

Sonoplastia: "Ave, Lúcifer", d"Os Mutantes". Seguem-se indicações sobre a atuação sobre a canção: No início, Satã sussurra aos ouvidos de Eva, então, em "As maçãs...", maçãs circundarão Eva e se espalharão no palco, postas ali de alguma forma pelos demônios, anjos quedos, de ao fundo. Satã continua a rondar os ouvidos de Eva. Os anjos quedos também se espalharão no palco, mantendo certa distância de Eva, Adão e Satã. Nos versos "Quieta, a serpente se enrola nos seus pés/É Lúcifer da floresta que tenta me abraçar", Satã começa a lamber os pés de Eva roçando com a língua as suas pernas. Adão, que se encontra voltado para o lado esquerdo, Eva o chamará e acariciará seu corpo nu deitado seguindo os versos: "Vem, amor...", quando Lúcifer se imiscuirá entre os dois. Adão não se mostrará feliz, mas preocupado. A partir de "Tragam uvas negras...", os anjos quedos trarão frutas, vinho, "delícias" próprias de um paraíso, das quais Eva se esbanjará. A canção finda e Lúcifer se afasta rasteiro novamente. Agora os anjos quedos se imiscuem entre o paraíso perdido e rondam Adão e Eva. A sonoplastia finda, Satã diz à parte.

SATÃ: O Mal agora parte de mim, no dentro de mim, ele é; e, assim, faz-me o Mal meu Bem, e imperioso dividirei a porção minha do Reino eterno pela maldade, e serei o contrário daquele que a mim me expurgou das divinais delícias! Assim o meu império triunfante se levanta! E assim os homens o conhecerão! A Vitória!

Adão fala com Eva.

ADÃO: Que fizeste, Eva, então que fizeste contigo?...
Contigo o que fizeste foi comigo que o fizeste de mesma forma.

EVA: O fruto da perdição abriu meus olhos pela tentação do que me era proibido. Se perdão a mim é concedido...?

ADÃO: A tua perda minha também é, a tua morte, morro eu com ela, pois que mesmo que uma outra costela minha me desse nova amante e nova companheira para proliferação do Mundo, as delícias do teu amor não suportaria deixar e nem à força esqueceria o corpo teu que me é meu, nem outro seio tomaria lugar do teu colo que me acalanta. Um só bem e um só mal, ambos de nós um só é. (*Adão derrama vinho entre os seios de Eva e o lambe*). Assim... deita-te comigo, de modo que morramos juntos num só corpo e ligados pelo espírito eterno... Deita-te comigo.

Deitam-se abraçados. Satã diz quedo ao chão.

SATÃ: Contigo, Ó Mundo, o meu ser se congratula. Quedo! Quedo e desgraçado serei eu e serás tu, ligados pelo espírito eterno!

Entram duas (ou mais) pessoas que representam os homens humanos e cantam "De Profundis", de autoria do escritor do presente texto, talvez com a ajuda de um violão.

CANTOR 1:

Ó Satã, teu gládio e força!...

*Arcangélica potência!
O arquiardor da tua afronta
Queima a alma minha à essência.*

CANTOR 2:

*Há de haver no corpo o Diabo
Pra findar o Firmamento.
É o Amor no meu pecado.
Consultor dos pensamentos.*

CANTOR 1 e 2 e TODO O CORO DE ANJOS QUEDOS:

*Ó Satã, teu gládio e força!...
Dentre os anjos, belo, belo...
Pelas almas faz as rondas
Aureolado em anjos quedos.
Há de haver no corpo o Diabo,
Quando a fome é da conquista.
Portou Luz de um dia tardo.
Porta agora a mão do artista.*

CANTOR 1 e 2:

*Porta agora a mão do artista. A
Mão do artista o porta agora. A
Porta fecha-se e abre-se, e insta a
Mão do Oleiro que abre a História.*

SATÁ (*assente sobre os pés*): Sim! Reinar no Mal e na intelecção do Mundo! Sim! pois que no Inferno firmar com primazia o nosso Reino a nós fará mister em face

de curvarmo-nos escravos perante um Céu que nos oprime!

Sonoplastia: “Nona Sinfonia” (o mesmo movimento requerido mais acima).

AS TENTAÇÕES DO DESERTO

personagens:

**YESHUA
DIABO
MADALENA, ESPOSA DE YESHUA**

CENÁRIO:
Um quarto de casal comum.

AS TENTAÇÕES DO DESERTO

por andré boniatti

Yeshua tranca a chaves o quarto ao entrar sôfrego nele, se atira sobre a cama de bruços como quem vai chorar mas guarda um sentimento pesado de medo e desespero. Então, ele se assenta sobre a cama e começa a esfregar os dedos médio e indicador das duas mãos, cada uma em seu respectivo lado, sobre as têmporas e, lentamente, começa a repetir.

YESHUA: Ser forte... Ser forte... Ser forte...

Madalena começa a chamar à porta, oculta aos olhos da platéia.

MADALENA: Yeshua!, Yeshua!, pelo amor de Deus, o que é que foi, homem?

YESHUA: Saia!.

MADALENA: O que tem, Yeshua, diga!.

YESHUA: Me deixe sozinho, largue de mim, Madalena.
Saia!.

Madalena vai à frente do palco, à frente do cenário e se assenta no chão numa posição de singeleza. Ela está do lado de fora do quarto.

MADALENA: O coração de uma mulher é como se fosse um revólver em que o tiro sai sempre pela culatra, um tiro que se afoga por dentro, e quando dói é de morte doer.

O coração de uma mulher é o cômodo da casa que guarda a angústia de esperar. (Grita) Yeshua!, Yeshua!.

YESHUA: Saia, mulher, se vá!, não há lugar pra você comigo mais!.

MADALENA: O coração de uma mulher é sofrer que nos resta toda a dor...

YESHUA: Que entendem da minha dor esses malditos que me invadem meu mundo que é meu e em que me esconde?, que me resta é ter dor...

MADALENA: Que me resta é ter dor...

YESHUA: Se vá pro inferno, mulher!. Lhe dei meu trabalho, meu dinheiro, e essa aliança que dói meu dedo, e pra ser sozinho como a lua que é minguante.

MADALENA: Yeshua!.

YESHUA: Um homem morre de muitas maneiras. Sei morrer co'os olhos vivos... Ser forte... Ser forte... Ser forte...

MADALENA: O coração de uma mulher é queném que fosse um inferno habitado por paixões.

YESHUA: Ser forte... Ser forte... Ser forte...

Madalena se deita de costas e começa a cantar “Ave, Lúcifer” dos “Mutantes” docilmente até dormir.

YESHUA: Meu Deus!, meu Deus!, por que é que me abandona desse jeito!... (*Cai de joelhos a rezar o Pai-Nosso mecanicamente*). Não, são três Ave-Marias, sim!, três Ave-Marias pra Nossa Senhora do Carmo e então... (*Busca a arma que está numa gaveta ao lado da cama no bidê talvez*). Três Ave-Marias e então...

Madalena dormindo ainda e sonhando começa a falar se remexendo...

MADALENA: Não!, não!, eu não quero morrer...

YESHUA: Nossa Senhora do Carmo vem me buscar no Purgatório...

MADALENA (*de forma lasciva, acariciando o corpo, ainda dormindo*): Tome do meu corpo, tome do meu sangue, prove dos meus lábios, meu amor, a mulher é o esconderijo do homem, é sempre uma vontade e seu desejo. Me coma, filho da puta!...

YESHUA: O Purgatório é para os espíritos desesperados...

MADALENA (*dormindo*): Yeshua!, me coma que eu lhe quero!.

YESHUA: Mas o Inferno é dos suicidas, sim, é. Mas que Inferno é maior que o corpo abandonado ao abandono?, o corpo que dói não ter a mão que afaga de vontade. Deus não é dos suicidas?.

Yeshua se ajoelha agora com a arma ensaiando o seu suicídio enquanto reza a Salve-Rainha. Atira para um lado a arma então e grita um brado desesperado, tal que acorda Madalena.

MADALENA: Yeshua!, Yeshua!, (chorando) quê que tem que eu tenho medo. (Chora). Diga comigo, Yeshua!, diga... (Sonolenta) Diga comigo... (Dorme).

YESHUA: Quê que adianta ter Deus se estou sozinho?!

MADALENA (*dormindo*): Reze pelos mortos, os mortos precisam de reza mais do que os vivos, reze pelos mortos, meu amor...

YESHUA: De que me adianta morrer?, que proveito tirarei da morte?, a morte é o escuro das almas penadas que têm medo de Deus. De que me adianta morrer?. E de que me adianta rezar... Três Ave-Marias a Nossa Senhora do Carmo!, sim!, então ela vem me buscar no purgatório depois de três dias, sim, três Ave-Marias a Nossa Senhora do Carmo... A minha mãe, quando eu era pequenino, me abraçava nos seus seios gordos e eu queria ficar nos braços dela, eu queria ficar nos braços dela, (gritando) eu queria ficar nos braços dela!. Minha mãe chorou que o meu pai morreu e depois se escondeu entre santos de gesso. Eu queria abraçar a minha mãe. Será que há vida depois do seio gordo das mães?. Não, não há, há escuridão e medo. Por que tem de ter medo?. Por que não há somente abraços no seio gordo das mães?.

MADALENA (*dormindo*): Me coma, me coma que eu lhe desejo como se fosse uma paixão na minha vagina, me coma.

YESHUA: (*Gritando*) Este quarto é meu!, é meu!, nunca deixarei ele e ele será minha prisão até que a morte nos leve um ao outro ao fim devido. É meu, é meu!, ninguém mo tirará de mim, nunca!. Mas me dói esse escuro triste que eu não sei onde é que está. (*Pega a arma novamente*). O purgatório existe, onde a alma é triste e clama pelo perdão de pecar quando o pecado mata a alma sem piedade. (*Se ajoelha e ensaia o suicídio novamente*). “Creio em Deus Pai...”... o Pai que é solidão, sim, solidão, ser sozinho é ser o Pai. Eu queria morrer!... Não morre, não morre, não morre quem quer, só quem não espera a morte, que é amiga de quem a teme...

MADALENA (*dormindo*): Yeshua!... Yeshua!...

YESHUA: Ser forte... Ser forte... Ser forte...

MADALENA (*acorda assustada*): O Diabo!.

YESHUA: O Diabo!.

MADALENA: O Diabo!.

YESHUA: O Diabo!.

MADALENA: Sonhei com o Diabo, ele dizia que o Diabo existe junto de mim. O Diabo!, o Diabo!, ele disse que o

coração de uma mulher é o Diabo brincando de se apaixonar... Yeshua!, Yeshua!, o Diabo!.

YESHUA: Se vá, mulher maldita!.

MADALENA: O coração de um homem é sempre uma criança abandonada, uma menina que menstrua e acorda ensanguentada, uma menina que menstrua nos lençóis esbranquiçados. Abre o dia e fecha a noite, e somos sempre esse pó... o coração de uma mulher é esse pó na ventania... (*Dorme novamente no palco*). Me coma, maldito!, me coma!.

Yeshua ensaia de novo o suicídio rezando.

YESHUA: Pai nosso, se estais no céu?, não santifico o vosso nome que é escuro e solidão!. A vontade parece que dói sempre mais, se é vossa, Deus, se é vossa!, ou é minha vontade, ou se o vosso reino é meu reino da minha cabeça e do meu desejo que desejo sempre sem saber o que é e me desespero. O pão nosso cheio de tédio e cansaço, suor e desesperança. Me perdoai!, me perdoai!, mas como posso eu perdoar, eu, que não me perdoa a mim mesmo?. Me tentais, me tentais, não me tentais?. Sou filho do mal. Não é o Diabo que tenta...

MADALENA (*acorda assustada*): O Diabo!.

YESHUA: O Diabo!.

MADALENA: O Diabo!.

YESHUA: O Diabo!.

Madalena volta a dormir. Entra o Diabo sob a execução da música “Ave, Lúcifer” dos “Mutantes”, se achega de Madalena e entre os dois, embora Madalena esteja dormindo, se passa uma cena de lascívia e sexo. O Diabo se enjeita quedo para um lado e Madalena acorda.

MADALENA: Tive um sonho enormemente nos meus seios, um sonho que se derramava no meu corpo como um líquido fecundo, tive um sonho que corria no meu sangue como um desejo angustiante de querer e morrer pouco a pouco como uma agrura se solvendo em minha pele, eu tive um sonho. Yeshua!, Yeshua!. Sonhei com o Demônio e ele tinha olhos de fogo e beijos de sandice!. O Demônio, tenho medo... Yeshua!, Yeshua!, tenho medo, muito medo!, pois que o Diabo veio ver-me.

YESHUA: O Diabo teima com Deus numa conversa absurda.

MADALENA: Deixe eu entrar, Yeshua!, deixe eu entrar!.

YESHUA: O quarto é meu, é meu, se vá, Madalena, se vá, vagabunda!.

MADALENA: O coração de uma mulher é como um rato roendo a roupa do rei de Roma. (*Dorme*).

Levanta-se o Diabo.

DIABO: Sim, que não se espantem os descrentes, que não se assustem os medrosos nem tenham um infarto os fracos

de coração, sou o Diabo, pele, osso, carne e sangue, assim como é pele, osso, carne e sangue esse teu corpo fragílimo, meu amigo, sou o Diabo de corpo e alma e coração. Quando vocês, meus senhores e senhoras céticos de meu existimento, quando vocês dizem “não, que o Diabo não existe”, olhem que aqui estou eu, e eu lambo as suas línguas e como a alma de vocês, mesmo desdenhosos da minha presença, pois que eu sou o mal tentado pela vontade que vocês guardam no mais íntimo dos seus íntimos. Eu sou o Diabo desertino, aquele que tem vasto olhar e vasto conhecimento.

YESHUA: O Diabo teima com Deus numa conversa absurda.

DIABO: Eu sou o Diabo desertino, o que expande os sentidos do Universo, meus amantes.

YESHUA: Ser forte... Ser forte... Ser forte...

DIABO: Yeshua!.

YESHUA: O Diabo é essa lembrança de existir um Deus e um Céu que doem como a faca que estrebucha.

DIABO: Yeshua!.

YESHUA: O Diabo é esse desejo de querer sempre o nunca que martela feito em prego de esperança, esse sofrimento eterno do dia de amanhã.

DIABO: Yeshua!.

YESHUA: O Diabo é esse deserto do homem que vive afundado no sal de suas próprias lágrimas a afogar-se, afogar-se, afogar-se e nunca a morrer.

DIABO: Eu sou o Diabo desertino, aquele que ama a prole de perdidos desterrados.

YESHUA: Que o Diabo me regalasse os olhos pra mim e me seduzisse ao seu Inferno, ao seu fogo e a sua doença!. Estar doente é viver no mundo feito quem vive numa fossa cheia de merda.

DIABO: Yeshua!.

YESHUA: Quem é?.

DIABO: O Diabo.

YESHUA: O Diabo não diz com gente viva, o Diabo pertence é à gente morta. Quem é?

DIABO: O Diabo.

YESHUA: O Diabo não diz com gente viva. Vai tomar no cu!.

DIABO: Pois eu sou o Diabo desertino, aquele que vai em busca do que o prolifera.

YESHUA: Madalena?!

DIABO: Dorme Madalena como um doce diabinho amaldiçoadão.

YESHUA: Se é mesmo o Diabo, por que não entra, amigo meu?.

DIABO: Só o posso se for convidado.

YESHUA: Pois o convido e faço a cortesia, idiota!.

DIABO: Sei, porque já me há convidado, e se assim me tenta...

Entra o Diabo no quarto.

YESHUA: Veio me buscar...?

DIABO: Vim lhe propor a vida.

YESHUA: Ah, e não quer a minha alma então?. Vou-me com você com um tiro nos miolos, vou-me sim.

DIABO: Vim lhe propor que viva.

YESHUA: Mas já não faço contra Deus matar-me a mim!... Que mais espera o Diabo?.

DIABO: Vim lhe propor a vida.

YESHUA: Pois eu me a mim proponho a morte.

MADALENA (*dormindo*): A morte, mãe, a morte... Me coma, desgraçado!.

YESHUA: E você não prefere me levar?.

DIABO: Ora, não sou o barqueiro do Inferno, sou o Diabo desertino, aquele que desatina o coração.

YESHUA: E por que quer que eu viva?.

DIABO: A vida é meu dom mais divino, como quer acabar com meu dom agraciado?, assim me mata e perco a sua alma.

YESHUA: O suicídio leva ao Diabo...

DIABO: O suicídio é sublime obra de Deus, Yeshua. É uma forma de mostrar que a vida é ruindade, mas a vida é paixão...

MADALENA (*dormindo*): Me coma, ah meu amor, me coma, me estupre, venha...

DIABO: O suicídio é como se as pessoas escolhessem pela morte, igualmente a Igreja, que a prefere, pois que a vida e o amor são do Diabo.

YESHUA: Me deixa!, está me confundindo... é isso que quer, não é?.

DIABO: Só quero lhe conduzir a alma por minhas mãos.

YESHUA: Pois quer a minha alma...

DIABO: Quero a sua vida.

MADALENA (*dormindo*): Vida... (*Acorda assustada para depois voltar a adormecer*) O Diabo!, o Diabo!, o Diabo!.

YESHUA: Me propõe a vida, a maldita vida que me consome, essa dor doendo até que me arrebente as fibras dos meus nervos, até que estoure as veias e doa, doa, doa... sempre...

DIABO: A dor é das minhas delícias a mais soberba, é do meu amor a mais inevitável cura da ruindade do mundo, a dor é como a noite salpicada de estrelas, meu menino.

MADALENA: (*Acorda assustada*) O Diabo!. Cuide que o Diabo tenta, o Diabo tenta, Yeshua, o Diabo é como as histórias da minha avó, ele rói, rói, rói até alcançar o coração!. (*Dorme*). Me coma, rói meu coração, me estupre, meu amor, me rasgue, meu amor, venha!...

YESHUA: Pois eu me suicido!. (*Ensaia o suicídio rezando o Credo*). Afaste-se de mim, Satanás!.

DIABO: Mas você é quem me tenta...

YESHUA: Pois eu me suicido!... (*Se arma para o suicídio*).

DIABO: Proponho-lhe a vida. Das pedras lhe farei pão e fartura, não haverá mais a fadiga, haverá o amor, a preguiça, uma rede a se deitar e dinheiro. Lhe oferto um emprego, não um serviço, que o serviço cansa, não um trabalho, que o trabalho esgota o homem. Pois farei

do chão as nuvens e de sua arma outros morrerão, pois que alimentarei o seu ódio e você será capaz de toda ira e toda força. Se me tenta farei das pedras pão e fartura.

YESHUA: Nem só de pão vive o homem, porra!, o pão não desfaz a desventura, o homem só pode viver da felicidade, e a felicidade não se compra com dinheiro, porque o dinheiro é uma doença de morte. Vive o homem de outros homens. Não quero ser tido como o burguês rico e farto de mesma forma de sua própria desgraça. Nem só de pão vive o homem, o homem vive de outros homens.

DIABO: Mente-se a si mesmo. O dinheiro compra, a felicidade depende dele, pois a felicidade é o consumo...

YESHUA: A felicidade é uma mentira e o dinheiro, uma doença, meu amigo. Afaste-se de mim, Satanás!.

MADALENA (*dormindo*): Dê-me do seu sangue, dê-me do seu pão... eu lhe como, desgraçado, me coma, filho da puta!.

DIABO: Proponho-lhe a vida. É um artista, mostre a sua arte, não atire em seus miolos, mas ponha a arma de lado e o mundo lhe reverenciará por minhas mãos. Glória e fama. Se fará um mito vivo. Se me tenta, lhe dou a glória e a fama.

MADALENA (*dormindo*): Eu não sou ninguém, mãe, ninguém, nada... Me coma, me coma!...

YESHUA: A glória e a fama... Mas à custa do meu padecimento, que padeço a cada quadro que desenterro da minha alma amargurada...

DIABO: Tiro-lhe a amargura...

MADALENA: Me coma, me coma...

YESHUA: Então não haverá arte. Só o sofrimento é arte e a amargura de não alcançar a perfeição.

DIABO: A perfeição é uma mentira, não pertence aos homens.

YESHUA: A perfeição se faz das coisas aos valores de ser coisas.

DIABO: A glória...

YESHUA: Não tentará a minha poesia. Afaste-se de mim, Satanás!.

Madalena acorda assustada.

MADALENA: O Diabo!. Ele tenta, ele me quer, ele quer o homem. Cuide-se do Diabo, Yeshua, cuide-se do Diabo!. O coração do Diabo é como uma rosa que abre bonita e vermelha mas que então come até os ossos do corpo de sermos homens. O coração de uma mulher é como um Diabo errante pelas veias. (*Dorme*).

DIABO: Proponho-lhe a vida. Reinará sobre as paixões dos homens. Lhe farei meu filho e terá o poder sobre todo o mal. Será o meu filho amado, só se curve a mim, somente isso lhe peço.

YESHUA: Não tive pai comigo, que morreu. Queria o seio gordo da minha mãe.

DIABO: Serei pai e mãe.

YESHUA: Queria ter pai...

MADALENA (*dormindo*): Me coma que eu quero o seu filho, me coma!...

YESHUA: O meu pai tinha os mesmos meus olhos, disse a minha mãe. O seio gordo da minha mãe, queria abraçar, sentir de junto de alguém quando é escuro, protegido do seio gordo da minha mãe. Queria ter pai...

DIABO: Serei seu pai e sua mãe.

MADALENA (*dormindo e pausadamente*): Yeshua vai morrer...

YESHUA (*grita*): Pai!, meu pai!...

Dá-se um tiro na cabeça. Madalena acorda gritando.

MADALENA: Yeshua morreu... meu amor. O coração de uma mulher é um luto solitário de perder sempre o que não possui.

Depois de observar tristemente o feito, o Diabo solta brados destemidos.

DIABO: Maldito Deus dos desgraçados!...

Vai-se.

MADALENA: O coração de um homem é sempre gritar no escuro debaixo da tempestade dos gritos reprimidos. É morrer um pouco de cada pouco. O coração de um homem é triste, meu amor, é triste... A esperança acabou.

Madalena se deita de lado, voltada à platéia, a chorar... Inicia a execução da música “O Quê” dos “Titãs”.

APÊNDICE

*manual de atuação de palco
- para atores e não-atores*

manual de atuação de palco *para atores e não-atores*

que todas as coisas grandes sejam
deveras grandes:

exacerbadamente

miúdas.

sutis.

para a pessoa
não há ilusões de si.

apenas gestualidades, - inatas.
circunstâncias.

ignorâncias convictas e

débeis

convicções.

não forces que o homem e
nem que a mulher
sejam mais do são. apenas sê. tanto ou tão pouco quão.

~~~

a tortura, por mais que provoque o sangue,  
não sangra. transparece.  
reluz.

quase indelével.  
no entanto,  
o céu não enxerga, nem

o púlpito,  
nem o público  
tbm.

é tudo como se sumisse por trás da cortina escura,  
aberta,  
por detrás do palco.  
por dentro de ti.

(      não forces que se abra ela anterior ao exato tempo.  
às 17h30 ou às 9h20.

o relógio é um aspecto inexato,  
mas o tempo certo  
não;  
ele acerta-se  
medido.    )

~~~

não faças rasuras, borrões,
nem transliterações
que não
se exijam.

a realidade é crua. é pouca.
exige desesperança
e simplicidade.

não exijas de ti, ainda, o que não podes
nem do outro o que tu saibas.
tem apenas o domínio,
- não de ti.
apenas o domínio,

o chão,
o palco,
o
voo,

o éden e o hades
para além da minha e da tua
compensação.

~~~

não queiras mais do que devas querer  
mas tbm não deixes de sonhar além,  
preso à atmosfera  
única

de quem tu  
és  
de agora em diante  
e à jamais.  
sê curto e mesquinho,  
mas humano.  
mas doente.  
liberto.

~~~

ninguém fala de trás para frente,
não fales tbm.

ninguém ainda pousa, na vida, para fotografias
flagrantes, não pouses ainda tu.

ninguém ouve a música senão por ouvi-la. ninguém
crê-la entendida. a música é que atra-

vessa,
lança,
ela mais mata
do que fala.
cala-te.

~~~

se puderes quebrar o joelho, deveras,  
quebra. mais vale acabar a peça  
que não sacrificar,

- mesmo as tuas partes íntimas, aquelas que temes expô-las.  
mesmo as tuas nádegas e o interior de teus dentes,  
todo o teu nojo. dá a quem olha o  
prazer

de doer,

imaturamente.

~~~

quem sabe tudo despenque.
não é notório que as hastas derribem-se ao
sopro feroz.

abandona tudo.
prostra-te ao chão
e determina o que é teu: o espaço. o teu espaço.

~~~

não chores quando não tenhas lágrima.  
é perigoso. te intimida! embora,  
não vivas  
senão a vida em ti.

ela tbm sabe reagir exatamente ao chamamento,  
e não o deduzas tu.

é tão triste fadar as coisas a molduras.  
elas nem sempre complementam  
a tinta.

às vezes as coisas são aéreas  
e serenas.

~~~

se te perguntas, com que cabeça o fazes?,
com que imbecilidades?,
as tuas
ou as em ti?

agora em diante é todo o processo:
não te suicides, por favor!

amanhã te serás novamente, - ou ainda um outro:
ninguém se conhece deveras, nem ao outro.
quem dera eu pudesse te contar!

~~~

as expressões demais absurdas, nem toda a maquilagem do mundo,  
essas coisas são tão indiferentes diante  
da poesia  
instantânea  
das  
forças!  
não te faças. sê!

~~~

olha marília pêra.
binoches. montenegro. olha
desconhecidos,
mas olha bem retamente aos olhos
e pro palco. pros pés,
pras pernas
e pros vocais. o que é mais que isso é só o mais.
vive no mais, não lhe faças
o teu todo nem
teu eu.

não vale a pena.
o ouro não vende a sinceridade.
tudo o que brilha
é pó,
a não ser o que é plasma,
o que é estrela.

~~~

por favor, não creias em palavras mortais,  
nem os maiores e medíocres elogios.  
tem fé

ou melhor, perde tua fé,  
a não ser que tua fé seja a mesma de quem tu te sejas lá.  
as pessoas sorriem por quaisquer banalidades  
e a maioria delas é conveniente demais  
para entender-te a  
insalubridade.  
deixa-as crer apenas, não te sintas  
obrigado  
a te explicar.

~~~

e se tudo isso não funcionar.

dorme,
é bem melhor
a ti fazê-lo.

~~~

por sobre a amarga distância, pois então,  
aproxima-te.

morre somente quando é necessário morrer.  
antes disso, tudo é vivo,  
vibra.

se o coração não aguentar, estoura!  
explode!

teus fragmentos levarão à  
morte  
muitos.

até mesmo os incrédulos. até mesmo os invisíveis  
luzirão!

~~~

da carne, tu tens todo o teu mérito.
tu'alma tbm é pó, - ali,
não penses tua moral além
da realidade diária
da vida
e da morte.

e por isso: faze a "chapinha", usa
as tuas lentes multicoloridas;
mas não tenhas nada com elas, nenhuma intimidade.
tem nas mãos o mundo e não
a preocupação de o não teres. é tão medíocre não te aceitares
tanto quanto a morte
que virá um dia te embalar. sê sábio
diante das coisas.

~~~

nenhuma leitura é pouca, nem do mundo, nem dos livros.  
não é necessário entenderes, mas ver.  
aprender.

qualquer coisa  
pela observação e conservação  
da história.

~~~

e quando um momento não tiveres nada,
nem a ti mesmo dentro de ti,
- e por isso sofrerás -,

e quando um momento te saberes:
é teu o domínio.
tu estarás.

e ninguém, ninguém no mundo
te poderá

jamais
derrubar.

poéticas

andré boniatti

Janeiro, 2013